



Entre professores e
professoras:

O cotidiano da educação na (pós) pandemia

VEJA NESTE BOLETIM

Informativo número 4 | abr.-jun. de 2022

Observatório de Educação da UCS

Pág. 3 Editorial

[Acesse aqui o texto.](#)

Pág. 4 Reflexões sobre a docência:

[Acesse aqui o texto.](#)

Pág. 6 Estudos iniciais sobre o presencial digital

[Acesse aqui o texto.](#)

Pág. 7 Desafios docentes durante e após a pandemia da Covid-19

[Acesse aqui o texto.](#)



Para conhecer o site do Observatório de Educação da UCS [clique aqui](#)

Para conhecer o site do PPGEdu - Programa de Pós-graduação em Educação da UCS (mestrado e doutorado) [clique aqui](#)

Para conhecer o site do PPGEiMa - Programa de pós-graduação em Ensino de Ciências e Matemática [clique aqui](#)

Pág. 9 A gestão na educação pública na (pós) pandemia
[Acesse aqui o texto.](#)

Pág. 12 Desafios de uma travessia
[Acesse aqui o texto](#)

Pág. 15 Dica de leitura
[Acesse aqui a dica.](#)

Pág. 16 Referências
[Acesse aqui.](#)

Pág. 17 Expediente e contatos
[Acesse aqui.](#)

EDITORIAL

Observatório de Educação da UCS

Por Isadora Alves Roncarelli - Doutoranda no PPGEduc da UCS

A pandemia da Covid-19 afetou o cotidiano da educação de forma bastante significativa. Tanto escolas de Educação Básica quanto instituições de Ensino Superior se viram obrigadas a suspender aulas presenciais e adotar medidas de Ensino Remoto, de forma a tentar conter o vírus e, ao mesmo tempo, minimizar o afastamento físico dos(as) estudantes.

A má gestão da crise sanitária e econômica enfrentada fez com que as desigualdades que estavam presentes na sociedade, e, por consequência, na educação, se intensificassem, levando milhares à fome, ao desemprego e à morte pelo vírus e suas consequências.

Aos professores e professoras

do país, coube o papel de tentar manter os vínculos dos(as) estudantes com as escolas e universidades, buscar estratégias de ensinar (e aprender) remotamente, além de lidar com os anseios das famílias mais carentes e os desafios de educar em meio ao caos.

O presente boletim apresenta reflexões de pesquisadores do Observatório da Educação da Universidade de Caxias do Sul, bem como de outros educadores colaboradores acerca dos desafios enfrentados durante a pandemia. São professores e professoras que atuam e pesquisam o cotidiano da educação, refletindo sobre seus percursos e estratégias de enfrentamento aos dilemas que cruzaram seus caminhos e

que ainda afetam seus fazeres pedagógicos.

Desejamos aos leitores momentos de identificação, reflexão e, para além disso, de *esperançar*, para que as aprendizagens construídas nesses tempos difíceis sejam alavanca para mudanças em nossas práticas pedagógicas.

Boa leitura!



Isadora Roncarelli 3

REFLEXÕES SOBRE A DOCÊNCIA:

Desafios no período Pós-pandemia

Por Monique Neckel Bueno - Mestranda no PPGEdu da UCS

A experiência de **ser professora dos anos iniciais em duas redes públicas municipais durante a pandemia** me motiva a escrever nesse período em que nos encaminhamos para o fim dela, pois tenho refletido e constatado que tem sido tão ou mais desafiador o ofício docente nesse ano de retorno presencial.

Foram dois anos árduos! Cada escola lidando com a sua realidade, cada professor se reinventando, cada família tentando colaborar como podia... Entre nossos pares a conclusão era unânime: não havia fase mais difícil na carreira do professor. A pandemia causada pela covid-19 nos impôs uma maneira de ensinar nunca antes concebida: ensinar a distância, apenas com o uso

de recursos tecnológicos, em meio a um cenário de crise, de dor, de perdas e de incertezas. Certamente, fizemos tudo o que estava ao nosso alcance. Torcemos e esperamos por dias melhores, dias em que seria possível retornarmos com segurança à normalidade das nossas vidas. Agora, para a nossa alegria, nos encontramos na escola. **Não somos os mesmos professores e nem os mesmos estudantes.** A pandemia nos transformou, nos impactou, forte e grandemente. E por isso nunca fez tanto sentido a frase: “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou sua construção.” (FREIRE, 2013, p. 47). Mas de que possibilidades estamos falando?

Seriam as mesmas que estávamos habituados anteriormente?

Considero que ser professor nesse momento pós-pandemia tem sido ainda mais difícil, porque exige de nós mais doação para darmos conta de criar essas possibilidades. Vivemos um período de resgate de tudo aquilo que, distantes da escola, foi, de certa forma, esquecido pelos nossos estudantes. Percebo que estamos nos deparando com turmas demasiadamente heterogêneas no que se refere às vivências escolares anteriores e ao nível de aprendizagem em que se encontram. Fatores esses que aumentam ainda mais o desafio do exercício da docência. A dita normalidade fica cada vez mais distante e o que nos cabe é aceitar e lidar com a realidade atual.

Penso que para promover essas possibilidades faz-se necessário compreender que as consequências da pandemia para a aprendizagem não serão minimizadas num só ano. A compreensão de todo o processo que vivemos nesses dois últimos anos nos permitirá ter a calma necessária para mapear as nossas prioridades e traçar uma rota a seguir, acolhendo todos os desafios desse caminho. **Acolhendo todas as dificuldades apresentadas pelos estudantes e por nós mesmos na realização de nossa prática docente.** Acolhendo todos os sentimentos que emergirem, aceitando sentir cansaço, insegurança, frustração, mas sem perder a esperança na capacidade que todos temos de aprender.

Mantendo-nos perseverantes e comprometidos com o propósito de educar e seguir a nossa rota, por mais sinuoso e adverso que, por vezes, o caminho se mostre. Muita competência para planejar e executar estratégias que nos aproximem cada vez mais de onde queremos chegar. E, por fim, parceria. Parceria entre nós e nossos colegas, entre nós e os estudantes e, sobretudo, entre nós e as famílias que devem entender que estamos do mesmo lado, em busca dos mesmos objetivos.

Longe de apresentar uma receita ou, tampouco, uma solução, a pretensão deste escrito é apenas registrar as percepções de uma professora que pode oferecer ou receber abrigo através da leitura de

outrem... Ou ainda, comunicar pela sua perspectiva, o que ocorre no cotidiano escolar após dois inesquecíveis anos de pandemia.



Monique Bueno

ESTUDOS INICIAIS SOBRE O PRESENCIAL DIGITAL:

Uma solução na (pós) pandemia

Por Patrícia Bado Auler Klohn - Mestranda no PPGEdu da UCS

Antes do período de isolamento pandêmico, duas categorias de disciplina eram praticadas com mais frequência na Educação Superior: as aulas ou seminários presenciais físicos e aquelas no ensino a distância, gravadas e acessíveis pelos estudantes nos momentos e locais de sua preferência. Foi a partir desse isolamento que as Instituições de Ensino Superior sentiram uma necessidade, antes latente, de encontros síncronos por webconferência.



Patrícia Bado

Dizer que um encontro é síncrono e por webconferência não é uma redundância. A partir de teóricos como Anjos e Silva (2018) e Filatro e Cairo (2015), entendemos que o conceito de sincronicidade está ligado ao tempo, mas não ao espaço. Por exemplo, aulas presenciais físicas são síncronas, pois os interlocutores estão ao mesmo tempo interagindo.

Tratando também disso, está sendo por nós desenvolvida uma pesquisa sobre as trajetórias formativas de docentes da Educação Básica na versão presencial digital dos seminários do Mestrado Acadêmico em Educação no PPGEdu da UCS. Portanto, começamos a investigar sobre os significados que o termo presencial digital tem para nossa Universidade. Como não encontramos publicações similares até então, passamos

a redigir um artigo, buscando criar um estudo inicial para estruturarmos melhor o conceito em questão.

Ao escrevê-lo, deparamo-nos com a educação online, pelo presencial digital estar a essa vinculada, já que demanda conversação entre todos. Ele pode, entretanto, fazer parte tanto de cursos na modalidade EaD, como de cursos presenciais. Percebemos, então, que educação a distância e educação online são dois conceitos distintos e que contemplam especificidades diferentes.

Notamos, a partir daí, que essa categoria de disciplina ganhou expressividade como uma solução para o isolamento na pandemia, quando conhecemos sua potencialidade, e agora **apostamos que o presencial digital vai continuar sendo uma opção para as IESs mesmo na pós-pandemia.**

DESAFIOS DOCENTES DURANTE E APÓS A PANDEMIA DA COVID-19

Por Ana Maria Sampaio - Mestranda no PPGEduc da UCS/CEEN (MINTER)

Ipueiras, 14 de junho de 2022.

Que alegria escrever esta cartinha diretamente do sertão nordestino para os colegas da Região Sul.

Caríssimos, escrevo-lhes da cidade de Ipueiras, Ceará, município interiorano e acolhedor que se localiza a aproximadamente 300km da capital Fortaleza.

O nome de minha cidade vem do tupi-guarani: *y(água)*, *puera* (que já foi e não é mais) e *significa lugar raso onde se acumula água* e isso acontece a cada ano quando a estação chuvosa faz o Rio Jatobá cortar a cidade com suas águas límpidas e com isso a alegria da fartura, da roça cheia de milho, feijão, o jerimum, a melancia e toda a fartura que alegra o coração do nordestino.

Ipueiras, assim como as demais cidades do nosso país e do mundo, sofreu com a Covid-19. O isolamento social, o medo, as perdas nos acompanharam durante esses dois anos. Escolas fechadas, famílias isoladas, desemprego, necessidades físicas e psicológicas deixaram marcas “tatuadas” no emocional de muitos que aqui habitam.

Quando a pandemia chegou trouxe com ela grandes desafios. Da noite para o dia, docentes e discentes foram “convidados” a usar as tecnologias a favor do ensino. As escolas fecharam os portões, mas o modo como o ensino iria alcançar os nossos alunos foi o grande desafio.

Ipueiras atende hoje 7.712 alunos de creche ao 9º ano e turmas de EJA distribuídos em 48 unidades

escolares. Vejam, não estou incluindo os alunos do Ensino Médio, pois esses são acompanhados pelo Estado. Estes estudantes residem, em sua maioria, na zona rural onde a acessibilidade a internet é muito precária. Confesso que esse foi o maior desafio que enfrentamos.

Acredito que aí no Sul, não tenha sido diferente. Por aqui, outro desafio foi a falta de familiaridade dos docentes com os meios digitais. **Sair da zona de conforto para desbravar as ferramentas tecnológicas foi muito difícil e esse caminhar em busca do vencer as dificuldades do “novo” aconteceu de forma solitária, pois não recebemos uma formação para isto.** Nos redescobrimos com os tutoriais que encontrávamos na internet ou quando um colega mais “esperto” nos

repassava “as receitas prontas” que tinham dado certo.

Com as primeiras doses da vacina, professores e estudantes imunizados, as escolas começaram a abrir seus portões e o convite ao retorno presencial foi uma alegria regada com o medo do retorno. Mas faço uma ressalva: Ipueiras só voltou ao ensino presencial em 2022, visto que as escolas não estavam aptas a atender os protocolos sanitários.

Com o retorno ao ensino presencial, os danos deixados pela ausência dos dois anos de ensino remoto apareceram. As nossas crianças que estavam nas creches no ano de 2020 não vivenciaram a interação e as brincadeiras asseguradas pela BNCC. Essas crianças hoje estão matriculadas no 2º ano do Ensino Fundamental e as difícil-

dades apresentadas não são apenas na aprendizagem, mas também de cunho emocional.

A propósito, **eu estou desenvolvendo a pesquisa intitulada "Formação Continuada e Pandemia da Covid-19: um estudo a partir da experiência docente no Ensino Fundamental – Ipueiras/Ceará", justamente porque esses desafios citados integram meu objeto de pesquisa** e precisam ser abordados no âmbito do mestrado em educação no PPGEdu da UCS, considerando que o "novo normal" imposto pela pandemia interliga os contextos de todos os estados e municípios do país.

Com este breve relato, me despeço e deixo aqui meu caloroso abraço, com o desejo de que a Covid-19 não tenha deixado tantas fragilidades na educação da Região Sul e também

com o convite para trocarmos experiências educacionais entre Sul e Nordeste, pois preparar os estudantes para vida, incentivando a novas aventuras, novas descobertas e torcendo pelo sucesso de cada um(a) na sua singularidade é o que desejamos.

Sigamos em frente, pois o ato de ensinar e aprender é fabuloso.

Com carinho e desejo de dias melhores,

Ana Sampaio



A GESTÃO DA EDUCAÇÃO PÚBLICA NA (PÓS) PANDEMIA: Três instâncias interconectadas por anseios, desafios e práticas comuns

Por Caroline Caldas Lemons - Pós-doutoranda no PPGEdU da UCS; Niuana Kullmann - Doutora em Educação pelo PPGEdU da UCS; Elise Testolin de Abreu - Mestra em Educação pelo PPGEdU da UCS.

Uma coordenadora, uma assessora e uma gerente pedagógica: três professoras-pesquisadoras em Educação atuando na gestão na Educação Básica Municipal de Caxias do Sul em diferentes instâncias, mas interconectadas por anseios, desafios e práticas comuns.

Podemos dizer que isso é parte do que comungamos no desempenho de nossas atribuições cotidianas que dizem respeito, simplificadamente, à gerência pedagógica das práticas dos(as) profissionais da Rede Municipal de Ensino - e daqueles(as) que a ela estão vinculados(as) - e à articulação entre o Plano de Governo, o Plano Municipal de Educação e as

Propostas Pedagógicas das escolas em prol da garantia do direito universal à educação e à aprendizagem que o subjaz.

Nos mobilizamos cotidianamente para a gestão da política educacional porque **ansiamos ver os pressupostos educacionais que permeiam os discursos políticos e pedagógicos das diferentes esferas administrativas sendo respeitados e praticados no cotidiano escolar** e porque desejamos contribuir para que a educação escolar promova aprendizagens que sejam significativas às crianças e aos(as) adolescentes e que lhes permitam constituir saberes que favoreçam a

construção de uma sociedade mais justa, solidária, democrática e inclusiva.

Certamente, na busca pela efetivação dessas aspirações, enfrentamos diferentes desafios. Na (pós) pandemia, especialmente, temos sido convocados a: (a) problematizar com os(as) docentes, constantemente, suas concepções de educação, ensino e aprendizagem, pois, por serem, não raras vezes, equivocadas e distanciadas do que já estava no epicentro das políticas educacionais, embaraçam as estratégias técnico-pedagógicas pensadas para a mitigação das desigualdades educacionais provocadas pelo ensino

remoto que substituiu as aulas presenciais entre 2020 e 2021; (b) aprender a administrar conflitos entre docentes, estudantes e famílias, cada vez mais frequentes no cotidiano escolar; (c) buscar estratégias para adaptar a escola aos “novos sujeitos” que, modificados pela pandemia, a ela retornaram e nela esperam encontrar respostas aos seus questionamentos, sejam de ordem intelectual, sejam de ordem emocional ou física; (d) também realizar a busca ativa daquelas crianças e adolescentes que não retornaram à escola, bem como acompanhar os(as) que apresentam maior propensão à evasão e trazer de volta aqueles(as) que se encontram da escola afastados(as) em razão do aumento da exploração do trabalho infantil durante a pandemia, por exemplo; (e) instituir, em diálogo com

os(as) docentes, uma cultura de monitoramento da aprendizagem que permita aos(às) estudantes continuar avançando em sua trajetória escolar a partir da identificação de suas dificuldades, necessidades e lacunas de aprendizagem; e (f) tecer diferentes estratégias para a recomposição das aprendizagens estudantis, sobretudo, dos(as) mais vulneráveis.

Por nos exigir de diferentes maneiras, esses desafios também nos fazem ampliar nossos investimentos para que diminuamos a distância entre os nossos anseios e as nossas ações no âmbito da gestão da política educacional. **Temos orientado nossas práticas para a ressignificação da docência, de forma a humanizar cada vez mais a função social da escola, valorizando, acolhendo e respeitando os sujeitos** que constituem os espaços

escolares; priorizando, sempre que possível, a interação, a convivência social, os aspectos emocionais e as atividades que estimulam a troca de experiências, o respeito à diferença e a consideração da diversidade por meio de uma convivência leve, alegre e com segurança; fomentando e problematizando também o uso das tecnologias digitais de informação e comunicação nas práticas pedagógicas, pois, atentas ao que se evidenciou sobre esse aspecto na pandemia, quando prevaleceu o ensino remoto, ainda que as escolas disponham hoje de equipamentos tecnológicos, muitas atividades continuam mantendo os(as) estudantes passivos(as) no processo de aprendizagem.

Diante de toda a complexidade que é gerir a política educacional em

âmbito municipal, consideramos que é por meio do trabalho coletivo e colaborativo que esses anseios podem ser traduzidos em práticas e que esses desafios podem ser superados e dar lugar a realidades educacionais mais dignas para todos e é por isso que nos esforçamos para ser, como diz Freire (2015, p. 80), “gente que diminui mais e mais a distância entre o que diz e o que faz”.



Caroline Lemons



Niuana Kullmann



Elise de Abreu

DESAFIOS DE UMA TRAVESSIA

Por Pedro Augusto Alves de Inda - Doutorando no PPGEduc da UCS

No final de março de 2020, fiz um desenho ao longo da primeira orientação síncrona com a Profa. Nilda Stecanela, minha orientadora de doutorado, na expectativa de que, em semanas, retornaríamos às orientações presenciais. Esse desenho sintetizava a nossa conversa, pois na época ela era Pró-reitora Acadêmica da nossa universidade e eu coordenava importante programa abarcado em sua gestão - Programa UCS Evidência -, então, a orientação naturalmente virou uma conversa sobre o que teríamos que enfrentar.

O desenho era de uma travessia solitária que seria feita por cada um num desfiladeiro que se abria no nosso cotidiano. O desfiladeiro, na realidade, se tornou

um cânion gigantesco e só voltamos à presencialidade dois anos depois, e após muitas perdas e, diferente daqueles que defendem o modelo síncrono de aula como um avanço, ao meu ver, poucos ganhos.

Entrar no modelo síncrono se provou muito mais fácil do que parecia, o difícil foi manter ele efetivo ao longo de quatro semestres e, principalmente, sair dele, **retornar à presencialidade, onde a experiência acadêmica se realiza de fato.** E aqui não é uma crítica ao modelo EaD ou síncrono em si, que trouxe avanços interessantes, como aulas com convidados de outras cidades e países e redução de deslocamentos, sei que ambos trazem importantes contribuições, mas são limitados para

aquilo que realmente muda a trajetória de um estudante no ensino superior, que é vivenciá-lo nas suas múltiplas dimensões.

Esses dois anos sem convívio em sala de aula, nos corredores, nos cafés, na biblioteca, sem o namoro na escada, sem as risadas com os colegas falando de um professor ou de uma aula chata, sem as discussões dos colegas do Diretório Acadêmico com os da Empresa Júnior por diferenças ideológicas, sem os planos e sonhos que nascem nesses espaços, além de tantas outras vivências, foram impactantes na vida de milhares de estudantes privados daquilo que o ensino superior, ao longo de sua história, sempre fez além de formar profissionais para a sociedade: a for -

mação integral, do cidadão e do humano.

E como permite uma redução de custos significativa, como oferecer uma turma síncrona para vários campi, sua continuidade é um convite aos grupos mercantis utilizarem ela indiscriminadamente a partir de agora, e obrigando as instituições comunitárias de ensino superior a adotarem esse modelo, pois competem no mercado. Assim, além de quase metade dos estudantes brasileiros já estarem no EaD, onde essa vivência não acontece, boa parte da outra metade poderá seguir nesse modelo que também é bastante limitador para se efetivar uma formação integral.

E, se olharmos para as universidades federais, se observa que ainda não conseguiram retornar a

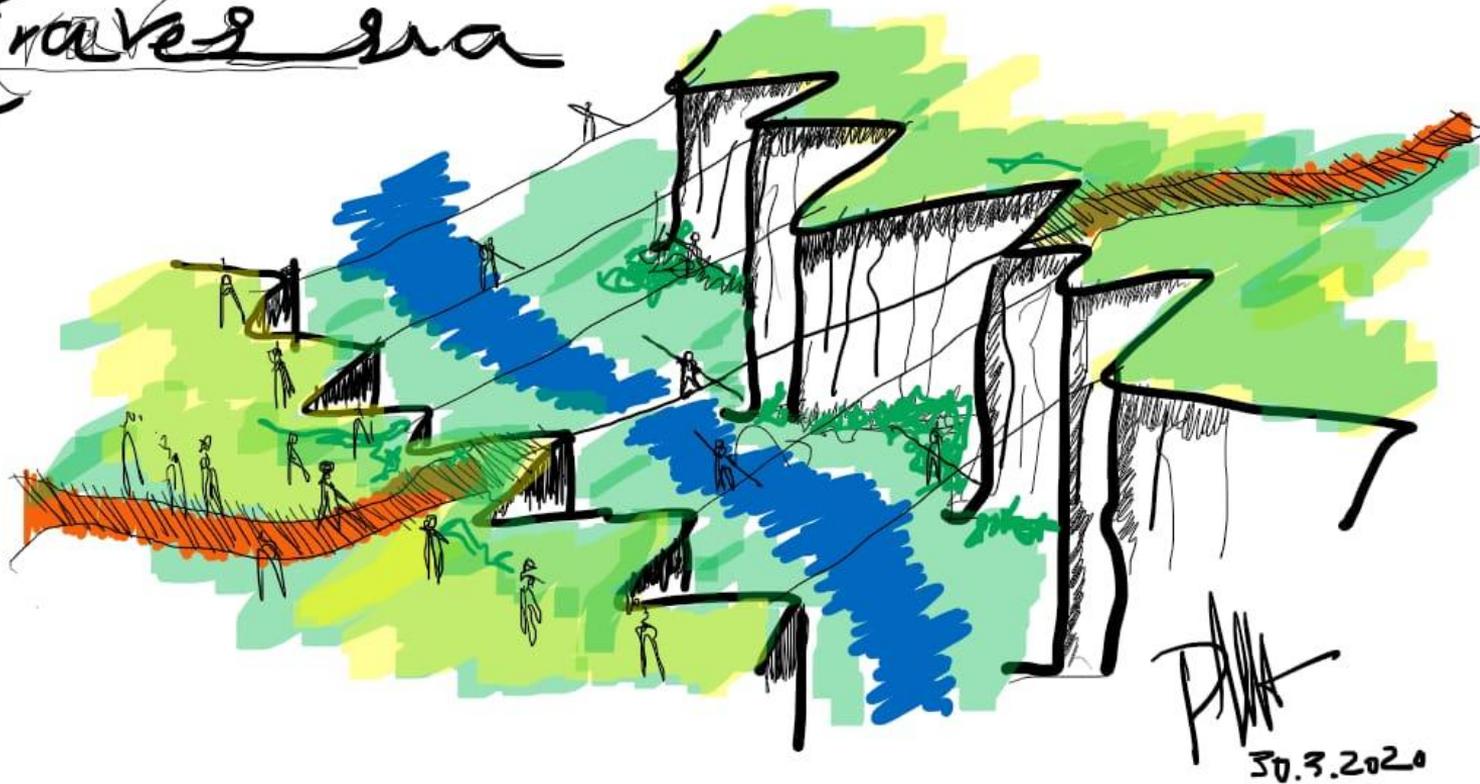
presencialidade de forma efetiva, ou seja, tudo indica que é um modelo que veio para ficar. Talvez a pandemia apenas tenha evidenciado o isolamento que já vivíamos, e, olhando em perspectiva, vemos que a contínua segmentação das pessoas em grupos por afinidades e consequente diminuição do diálogo com o contraditório mostram isso.

Assim, daquele desenho de março de 2020, me parece que a travessia em si não tenha sido o maior desafio, de um modo ou de outro, nos equilibramos e seguimos, chegamos do outro lado. **O maior desafio talvez seja o que nos espera desse outro lado.**



Pedro de Inda

Traversia



DICA DE LEITURA

Por: Isadora Alves Roncarelli - Doutoranda no PPGEduc da UCS

*O futuro
começa agora*

*Da pandemia
à utopia*

*Boaventura
de Sousa
Santos*



Nesta obra, Boaventura de Souza Santos nos instiga e nos movimenta a pensar acerca da pandemia da Covid-19 (e outras que a antecederam) a partir de relações entre a constituição das sociedades, suas mazelas e desigualdades.

O autor propõe cenários futuros para o pós-pandemia, pensando nas aprendizagens que foram possíveis com o vírus. Sua visão crítica, rigorosa, mas também esperançosa, nos faz vislumbrar futuros possíveis, porém utópicos.

Para educadores e educadoras, o livro proporciona diversas reflexões acerca da relação sociedade - política - educação - pandemia, tão cara para os dias atuais.

REFERÊNCIAS

Informativo número 4 | abr.-jun. de 2022
Observatório de Educação da UCS



ANJOS, A. M; SILVA,, G. E. **Tecnologias Digitais da Informação e da Comunicação (TDIC) na Educação.** Universidade Aberta do Brasil, 2018. Disponível em: <https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/429662/2/Tecnologias%20Digitais%20da%20Informa%C3%A7%C3%A3o%20e%20da%20Comunica%C3%A7%C3%A3o%20%28TDIC%29%20na%20Educa%C3%A7%C3%A3o.pdf>. Acesso em 16 de junho de 2022.

FILATRO, A; Cairo, S. **Produção de conteúdos educacionais.** São Paulo: Saraiva, 2015.

FREIRE, Paulo. **À sombra desta mangueira.** 11ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 44.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **O futuro começa agora: da pandemia à utopia.** São Paulo: Boitempo, 2021.

FOTO: Retrato de uma professora de escola pública na pandemia, 2020.
Créditos: Isadora Alves Roncarelli

EXPEDIENTE E CONTATOS

Núcleos de Inovação e Desenvolvimento - NID
Observatório de Educação da UCS

Informativo número 4 | abr.-jun. de 2022

Coordenação: Profa. Dra. Nilda Stecanela e Profa. Dra. Andréia Morés

Responsável por esta edição: Isadora A. Roncarelli

Colaboradoras desta edição: Nilda Stecanela, Isadora A. Roncarelli, Monique N. Bueno, Patrícia B. A. Klohn, Ana M. Sampaio, Caroline C. Lemons, Niuana Kullmann, Elise T. de Abreu, Pedro A. A. de Inda.

Imagens: Darlan G. Sheid, Isadora A. Roncarelli e Sônia R. L. Matos

Revisora textual: Prof. Me. Bruna Helena Rech Rocha

E-mail do observatório: observatoriodeeducacao3@gmail.com

Faça parte do nosso grupo de transmissão no WhatsApp para receber os próximos boletins:

[Clique aqui.](#)

Contatos para mais informações sobre mestrado e doutorado em Educação:

Email do PPGEduc: ppgedu@ucs.br

Telefone do PPGEduc: (54) 3218-2100 ramal 2824

